

A ORDEM DE SÃO JERÔNIMO NAS INICIATIVAS ARQUITETÔNICAS DE DOM MANUEL I (1469 -1521) DE PORTUGAL: TENTATIVAS DE APROXIMAÇÃO SIMBÓLICA ENTRE PORTUGAL E CASTELA

*Camila Cristina Souza Lima*¹

Assim como o Monastério de *San Lorenzo el Real de El Escorial*, imponente edifício que guarda os corpos e a memória dos monarcas espanhóis a partir da dinastia dos Habsburgos, Santa Maria de Belém, grande símbolo nacional português ainda hoje, foi originalmente entregue à Ordem de São Jerônimo, comunidade religiosa exclusivamente ibérica em seu ramo masculino e cuja escolha guarda em si importantes aspectos a serem comunicados sobre a imagem da monarquia em Portugal e Castela. Por isso, nosso intuito nestas breves páginas é apresentar os antecedentes da ordem nesses dois reinos que indicam a novidade e relevância da escolha dos jerônimos por D. Manuel I para guardar seu panteão dinástico.

A Ordem de São Jerônimo surgiu em Portugal e Espanha a partir das experiências de eremitas no século XIV, que se inspiravam no exemplo de São Jerônimo (341-420) no deserto de Calcis². Na Espanha a formação da Ordem dos Monges Jerônimos se deu através da bula papal de Gregório XI em 1373³. Frei José de Sigüenza, reforça em seus escritos que a ordem nasceu durante o reinado de Alfonso XI, em 1340, e na instabilidade do governo de Pedro o Cruel (1350-1369)⁴, o que explica o desejo de muitos homens, principalmente membros da nobreza, de fugir do mundo para buscar a Deus na solidão. A Ordem tem origens paralelas em Portugal e Castela, sendo unificada apenas a partir da ascensão de Felipe II como governante de todos os reinos ibéricos, em 1580.

Muitos mosteiros receberam importantes doações de reis e nobres para suas edificações. Um dos motivos para tais doações e proteção régia se devia ao fato da ordem praticar a caridade através da hospitalidade, o que, aliado à itinerância da monarquia em fins da Idade Média, justificaria a proximidade entre os reis castelhanos e esses religiosos⁵. Também era uma ordem exclusivamente ibérica, o que implicava na vantagem de não precisar lidar com superiores estrangeiros e decisões capitulares adotadas em territórios estranhos aos seus domínios⁶. Além desses argumentos, Américo Castro⁷ e Cândido Santos⁸

¹ Doutoranda em História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP).

² AZEVEDO, C. M.(dir). **Dicionário de História Religiosa de Portugal**. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, vol. 3, pp.334-337.

³ RUIZ HERNANDO, J. A. **Los monasterios jerónimos españoles**. Segovia: Caja Segovia, Segovia, 1997.

⁴ SIGÜENZA, J. (1544-1606). **Historia de la orden de San Jerónimo**. Madrid: Bailly Baillièere e Hijos, 1907-1909.

⁵ RODRÍGUEZ LUNA, D. *Algunos aspectos de la caridad en la orden de San Jeronimo*. In: JAVIER CAMPOS E FERNANDEZ SEVILLA, F. (coord.). **La Iglesia española y las instituciones de caridad**. Escorial: Ediciones Escorialenses; Real Centro Universitario Escorial-María Cristina, 2006, págs. 923-950.

⁶ Idem.

⁷ CASTRO, Américo. **Aspectos del vivir hispánico**. Madrid: Alianza Editorial, 1970.

consideram que a ordem de São Jerônimo apresentou por parte de seus religiosos uma forma de espiritualidade que seria uma primeira experiência da *devotio moderna* na península, menos ritualizada e mais interiorizada, o que seria perceptível pelo número de conversos que teriam ingressado na ordem e que teria favorecido essa forma específica de religiosidade, muito apreciada pelos monarcas.

Em 1373 estabeleceu-se o primeiro mosteiro da ordem, *San Bartolomé de Lupiana*, nas proximidades da cidade de Guadalajara. Trinta e dois anos depois, em 1415, ocorreu o primeiro *Capítulo General* da ordem, no mosteiro de *Santa María de Guadalupe*. Apresentaram-se nessa ocasião os representantes de todos os mosteiros existentes até aquele momento em Castela e Aragão, que já contavam com vinte e cinco casas. Dessas fundações as mais notáveis eram *Lupiana*, *Santa María de Guadalupe* (Cáceres) e *San Jerónimo de Yuste* (Cáceres), que ganharia especial protagonismo no século XVI, com a escolha de Carlos V de ali passar seus últimos dias. Há também número considerável de mosteiros nas proximidades de Toledo, como *San Jerónimo de Corral Rubio*, *Santa Ana de la Oliva*, *Santa Catalina de Talavera*. Toledo, importante cidade por ter sido capital visigótica atraía grande número de religiosos e de esforços da monarquia e da nobreza para apresentarem-se nesse centro urbano que guardava a memória dos primeiros governantes cristãos.

Como aponta Checa Gotia, os reis castelhanos costumavam ter aposentos em mosteiros durante a Idade Média. A partir do momento em que surgiu a Ordem de São Jerônimo a monarquia passou a aproximar-se desses monges para ter em suas casas aposentos para descanso e retiro. Entre os mosteiros que apresentavam aposentos reais devemos destacar Nossa Senhora de Guadalupe, que era dos mosteiros jerônimos mais ricos, por ser um santuário mariano de grande atratividade de fiéis, sendo menos visitado que Santiago de Compostela apenas. Isabel a Católica foi a responsável por criar um palácio para si nesse mosteiro de grande vulto, cujos vestígios não sobreviveram ao tempo⁹.

O mosteiro de Guadalupe foi beneficiado por Juan I de Castela (1358-1390), sobretudo buscando reforçar a imagem espiritual de seu governo. Juan I foi o responsável por entregar esse santuário aos cuidados da Ordem de São Jerônimo. Suas ações buscavam, segundo interpretação de Serrano, reforçar sua imagem de favorecedor da Igreja e de bom governante cristão, imagem que tinha sido enfraquecida após sua derrota contra os portugueses na tentativa de o sucessor de Fernando I de Portugal¹⁰. O Santuário, e depois também mosteiro, de Guadalupe foi edificado no local onde, segundo a lenda, o pastor Gil Cordero encontrou uma imagem da virgem negra junto ao rio Guadalupe. Em 1337, com favor real de Alfonso XI (1311-1350), a pequena ermida que inicialmente tinha sido construída para abrigar a imagem foi reconstruída como um templo santuário. As visitas ao mosteiro e as narrativas sobre essas visitas dos reis

⁸ SANTOS, C. D. **Os Jerónimos em Portugal**. Das origens aos fins do século XVII. Porto: Universidade do Porto, 1980.

⁹ CHUECA GOTIA, F. **Casas Reales en Monasterios y Conventos Espanoles**. Madrid: Diana Artes Gráficas, 1966.

¹⁰ SERRANO, C. O. *Devociones Regias Y Proyectos Políticos: Los Comienzos del Monasterio de San Benito el Real de Valladolid (1390-1430)*. **Anuario de estudios medievales**, Madrid, n.43, p.799-832, 2013.

reforçavam a imagem de proteção da virgem aos governantes. Em Portugal outro mosteiro da Ordem de São Jerônimo buscava ter papel semelhante, ainda que com projeção bastante restrita de sua influência: o mosteiro de Santa Maria do Espinheiro, extramuros de Évora.

Enrique IV (1425-1474), importante promotor da ordem, pai de Isabel a Católica, fundou dois mosteiros jerônimos muito importantes. Primeiramente *Santa María del Parral*, em Segóvia, claramente para ser um palácio para quando desejasse caçar na região e um espaço de retiro religioso. Também fundou o mosteiro de *Santa María del Paso*, próximo ao rio Manzanares, local onde o rei¹¹, que foi transferido pelos Reis Católicos para a Vila de Madrid, em 1502, e finalizado em 1505, sendo renomeado como *San Lorenzo el Real*. Era uma das poucas edificações realizadas nos princípios do século XVI pela monarquia em Madrid.

Devido a sua vinculação com a coroa, *San Jerónimo el Real de Madrid* se tornou um dos principais cenários cortesões, sobretudo após a fixação de Madrid como capital. Seu templo se tornou capela real, por ser a maior do local. Assim, como um dos locais mais importantes da cidade, era centro de atos oficiais da monarquia, como celebrações das Cortes, local de juramento dos Príncipes de Astúrias (o primeiro a realizar o juramento no local foi Felipe II em 1528) e onde se celebravam as exéquias fúnebres da Casa Real. A partir de 1528 passa a ser o local de juramento ao herdeiro do trono por parte da nobreza. Também foi ponto de partida da comitiva real na primeira grande festa de Madrid como capital, que foi a entrada de Ana de Áustria (1549-1580), em 1570, quarta esposa de Felipe II (1527-1598). Também serviu de local de retiro dos reis, com um *Cuarto Real*, construído sob comando de Juan Bautista de Toledo (1515-1567), em 1561. Esses aposentos estariam na gênese do palácio de Felipe IV, *El Retiro*¹².

Enquanto em Castela havia dezenas de mosteiros jerônimos em fins da Idade Média, em Portugal apenas quatro existiam até o reinado de D. Manuel I. Frei Vasco, um dos responsáveis pela fundação da Ordem de São Jerônimo em Portugal, teria se inspirado no contato com eremitas castelhanos para criar as primeiras ermidas em território lusitano e também seguiu o exemplo do reino vizinho quando a ordem surgiu em Castela¹³, conseguindo autorização papal de Bonifácio IX para a fundação da ordem, que definiu que seus monges seguiriam a regra de Santo Agostinho e permitindo que se edificasse um mosteiro no local da ermida de Penha Longa (Sintra/Estoril). Há também referências sobre a autorização para se construir um segundo mosteiro, São Jerônimo do Mato (Alenquer), que não deixou vestígios de sua edificação. Assim, duas casas muito modestas foram edificadas por frei Vasco, sendo que Penha Longa recebeu mais atenção por ser a casa principal da ordem em Portugal até a fundação de Santa Maria de Belém, em Lisboa.

¹¹ SIGUENZA, J. Op. cit.,

¹² CADIÑANOS BARDECI, I. *Los claustros del monastério de San Jerónimo El Real*. *Archivo Español de Arte*, Madrid, n.319, p.247-259, 2007.

¹³ SANTOS, C. D. *Os monges Jerônimos em Portugal na Época dos Descobrimentos*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1ª Ed., 1984. p.134.

Segundo Siguenza, o mosteiro de São Jerónimo do Mato foi edificado na ladeira de uma colina no vale de Alenquer, onde a comunidade religiosa vivia com muita pobreza e os monges sofriam com os tremores de terra da região. Por isso, o edifício foi melhorado por Dom Manuel, mantendo sua simplicidade, mas reforçando a segurança de sua estrutura¹⁴. Também deu rendas aos religiosos e fez doações de objetos para o culto religioso, fez o retábulo e os órgãos. A partir desse momento, o monarca passou a frequentar esse monastério, tendo um aposento bastante simples para sua permanência, o que demonstrava sua santidade cristã: “El aposento era una celdilla harto pobre, y alli tenia vna cama de madera, que las vsan los frayles, porque es la tierra fría. Guardaron los Religiosos harto tiempo esta cama, en memoria: y como reuerencia de tan pió, y Catholico Principe.”¹⁵

Além dos dois mosteiros, até Dom Manuel foram construídas mais duas casas da ordem: São Marcos, próximo a Coimbra, e Nossa senhora do Espinheiro, extramuros de Évora, que também era um santuário mariano. São Marcos se desenvolveu com grande volume de doações da nobreza, que escolheu seu solo como local de última morada, sendo assim, teve poucos incentivos da monarquia.

Em escala muito menor de atratividade de peregrino, Santa Maria do Espinheiro guardava muitas semelhanças com Guadalupe. A história do mosteiro ligada a um milagre da aparição de uma imagem de nossa senhora em um espinheiro para um pastor, que vendeu seu gado e edificou uma ermida. O bispo de Évora, D. Vasco Perdigão, pediu autorização ao rei, D. Afonso V, para transformar o local em um monastério da Ordem de São Jerônimo, o que foi conseguido na década de 1450¹⁶. O bispo e o rei favoreceram o local com rendas e privilégios até o dia em que o fundador da casa.

Dom Manuel também beneficia esse mosteiro, com obras que se iniciam no final de seu reinado e são finalizadas por D. João III, momento em que se realizará também a construção do túmulo de Garcia de Resende em seu interior. Por isso o claustro recebeu motivos manuelinos, a saber: elementos simbólicos relacionados às chagas de cristo (coroa de espinhos, por exemplo); armas de Portugal e a esfera armilar, divisa recebida por D. Manuel ainda durante o reinado de D. João II e que seria considerado por muitos cronistas como o prenúncio de seu papel como continuador das obras de seu primo como novo rei. O uso de elementos heráldicos nos edifícios realizados, reparados ou ampliados por D. Manuel seria a forma claramente visível de vincular tais construções religiosas ao poder real.

Apesar de ter apenas quatro mosteiros em território lusitano, sendo Santa Maria do Espinheiro o mais visitado pelos reis para pedirem a proteção da virgem, Dom Manuel I foi um grande incentivador dos jerônimos em Portugal. Em 1496, para transformar o eremitério mandado construir pelo Infante D.

¹⁴ SIGUENZA, J. Op. cit, Tomo I, p. 395.

¹⁵ Idem, p. 395.

¹⁶ MUCHAGATO, Jorge. **O Palácio e Parque da Pena**. Vol. I: O Mosteiro de Nossa Senhora da Pena. Fontes e Bibliografia para apoio à investigação histórica. Sintra: Edição de Parques de Sintra, 2010.

Henrique, próximo à cidade de Lisboa, no litoral, em um mosteiro de São Jerônimo. O pedido foi aceito e confirmado através da bula de Alexandre VI *Eximiae devotionis*, que indica algumas obrigações, como realizar missa cotidiana no local em favor da alma do infante D. Henrique, atender os marinheiros e peregrinos que desejassem se confessar e receber a eucaristia¹⁷.

A relevância adquirida pela Ordem de São Jerônimo no reinado de Dom Manuel I fez com que o monarca também pedisse autorização ao papa para construir ao todo doze mosteiros, mas apenas três foram edificadas: Santa Maria de Belém (Lisboa), Nossa Senhora da Pena (Sintra) e o Convento das Berlengas, este último realizado por pedido da rainha D. Maria¹⁸. Provavelmente o número de mosteiros desejados reforçava seu significado de desejo de expansão da religião associado ao número de discípulos de Cristo. A missão de espalhar o cristianismo pelo mundo também associava tais patrocínios régios à missiões nas conquistas além-mar. Tal simbologia estava expressa na narrativa sobre tais mosteiros.

Sylvie Deswarte-Rosa indica que a escolha da Ordem dos Jerônimos como grupo religioso especialmente favorecido por D. Manuel fazia parte da política de aproximação do monarca com o reino de Castela, realizada nos insistentes casamentos do rei com infantas espanholas¹⁹. Dom Manuel casou-se com a viúva do príncipe herdeiro D. Afonso, sendo esse casal real jurado herdeiro de Castela. Viúvo de seu primeiro casamento, que durou apenas de 1497 a 1498, o monarca casou-se com a irmã de sua falecida esposa, Maria de Aragão e Castela, casamento que durou de 1500 a 1571, quando esta também faleceu aos 35 anos, deixando muitos descendentes, além de estar eternizada no portal principal da igreja do Mosteiro de Santa Maria de Belém. D. Maria teria sido grande incentivadora das iniciativas de D. Manuel na fundação do mosteiro das Berlengas e nos reparos realizados em São Jerônimo do Mato. Após sua segunda viuvez, D. Manuel casou-se com Leonor de Castela, sobrinha de suas antigas esposas, irmã de Carlos V, que se tornaria rainha da França por casamento com Francisco I após a morte do rei português.

A política de casamentos de D. Manuel I apresentava a intenção de uma possível união das coroas ibéricas em favor de Portugal. Nesse sentido, o favorecimento da Ordem de S. Jerónimo reafirmava sua postura de voltar-se para península, ao mesmo tempo em que as justificativas para as novas edificações se davam em favor das conquistas ultramarinas. Ao escolher tal ordem para o mais importante símbolo arquitetônico de seu reinado, D. Manuel reforçava o que havia de mais especificamente ibérico na vida religiosa de seu reino, uma ordem exclusivamente peninsular, contemplativa, que não será difundida nas conquistas. No interior desses edifícios o rei se apresentaria em seu caráter sagrado. Dom Manuel explora a imagem de humildade do rei ao edificar um suntuoso monastério em devoção à Virgem, mas com uma sepultura em campa rasa (desejo expresso em testamento e não cumprido).

¹⁷ SANTOS, Cândido Dias. Op. cit.

¹⁸ SANTOS, Cândido Dias dos. Op. cit.

¹⁹ DESWARTE-ROSA, S. *Le Panthéon royal de Belém*. In: GUILLAUME, J. (org.). **Demeures D'Éternité**. Eglises et chapelles funéraires aux XVe et XVIe siècles. Paris: Picard, 2005, pp. 157-198.

A unificação das coroas ibéricas aconteceria um pouco mais tarde, mas em favor do castelhano Felipe II devido à morte do cardeal Dom Henrique, em 1580, após dois anos de indefinições desde o desaparecimento de Dom Sebastião no Norte da África e as disputas de seus possíveis sucessores. Da mesma forma, a Ordem de S. Jerónimo será mais uma vez aquela a abrigar o monarca de toda a península em seus momentos de refugio e em sua morada eterna em *San Lorenzo el Real do Escorial*, cumprindo o desejo que D. Manuel vislumbrava para seu próprio reinado.

Referências Bibliográficas

- AZEVEDO, C. M.(dir). **Dicionário de História Religiosa de Portugal**. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, vol. 3, pp.334-337.
- CADIÑANOS BARDECI, I. Los claustros del monastério de San Jer nimo El Real. *Archivo Español de Arte*, Madrid, n.319, p.247-259, 2007.
- CASTRO, A. **Aspectos del vivir hispánico**. Madrid: Alianza Editorial, 1970.
- CHUECA GOTIA, F. **Casas Reales en Monasterios y Conventos Espanoles**. Madrid: Diana Artes Gráficas, 1966.
- DESWARTE-ROSA, S. *Le Panthéon royal de Belém*. In: GUILLAUME, J. (org.). **Demeures D' ternit **. Eglises et chapelles fun raires aux XVe et XVIe siècles. Paris: Picard, 2005, pp. 157-198.
- JAVIER CAMPOS E FERNÁNDEZ DE SEVILLA, F. (coord..). **La Iglesia española y las instituciones de caridad**. Escorial: Ediciones Escorialenses; Real Centro Universitario Escorial-María Cristina, 2006.
- MUCHAGATO, Jorge. **O Pal cio e Parque da Pena**. Vol. I: O Mosteiro de Nossa Senhora da Pena. Fontes e Bibliografia para apoio   investiga o histórica. Sintra: Edi o de Parques de Sintra, 2010.
- RODRÍGUEZ LUNA, D. *Algunos aspectos de la caridad en la orden de San Jeronimo*. In: JAVIER CAMPOS E FERNÁNDEZ SEVILLA, F. (coord..). **La Iglesia española y las instituciones de caridad**. Escorial: Ediciones Escorialenses; Real Centro Universitario Escorial-María Cristina, 2006, p gs. 923-950.
- RUIZ HERNANDO, J. A. **Los monasterios jer nimos españoles**. Segovia: Caja Segovia, Segovia, 1997.
- SANTOS, C. D. **Os monges Jer nimos em Portugal na época dos Descobrimentos**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1  Ed., 1984.
- _____. **Os Jer nimos em Portugal**. Das origens aos fins do século XVII. Porto: Universidade do Porto, 1980.
- SERRANO, C. O. *Devociones Regias Y Proyectos Políticos: Los Comienzos del Monasterio de San Benito el Real de Valladolid (1390-1430)*. **Anuario de estudios medievales**, Madrid, n.43, p.799-832, 2013.
- SIGÜENZA, J. (1544-1606). **Historia de la orden de San Jer nimo**. Madrid: Bailly Bailli re e Hijos, 1907-1909.